

A METÁFORA NA INSTAURAÇÃO DA LINGUAGEM: TEORIA E APLICAÇÃO

1. Retorno à concepção da metáfora aristotélica? ¹

1.0.1. Têm sido vários os termos usados para caracterizar a metáfora: “comparação” (comparação abreviada), “contraste”, “analogia”, “similaridade”, “identidade”, “fusão”, etc. A metáfora está a ser ultimamente interpretada como um fenómeno abrangente, afectando não apenas a linguagem, mas o próprio sistema de pensamento e de categorização do real, e mesmo a acção humana. Por outro lado, continua a falar-se de “metáforas novas” e “metáforas velhas”, de “metáforas de invenção” e metáforas de uso”, de metáforas “originais” e “cristalizadas”, de “metáforas como produto” e “metáforas como processo” ², como o resultado da aproximação de dois termos (“teor” e “veículo”) de que emerge uma nova significação ³, etc. Faz-se ainda a distinção entre “metáforas *in praesentia*” e “metáforas *in absentia*” ⁴, e incluem-se também as metáforas em “ima-

¹ Cfr. PONTES, Eunice (Org.) — *A metáfora*, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

² Tendo em consideração a metáfora como “processo”, Sofia Zanotto Paschoal (*Em busca da Elucidação do Processo de Compreensão da Metáfora*, in PONTES, E. — *op. cit.*, pp. 115-130, 117), problematiza o papel do contexto, do texto e do leitor na construção do significado metafórico.

³ “Teor” e “veículo” foram dois termos criados por RICHARD, Ivor Armstrong — *The Philosophy of rhetoric*, New York, 1936 (com nova edição em 1964, Oxford University Press.). Citarei este autor na tradução alemã *Die Metapher*, incluído em: HAVERKAMP, Anselm (Org.) — *Para uma visão bem documentada da noção de “metáfora”* vide HAVERKAMP, Anselm (Org.) — *Theorie der Metapher*, Darmstadt, Wissenschaft Buchgesellschaft, 1983, pp. 31-52.

⁴ A metáfora *in praesentia* é aquela em que “teor” e “veículo” estão ambos presentes no enunciado (em que o “teor” é a metáfora e o veículo é o termo comparado), a metáfora *in absentia* é aquela em que o veículo está presente e o teor está ausente.

gem”, “figura”, etc. Mas no meio deste emaranhado de expressões e conceitos, há pontos, desde há muito, bem assentes. Quero precisamente iniciar a minha reflexão sobre o conceito de “metáfora” em alguns autores tidos por clássicos.

1.0.2. A metáfora apareceu a dado momento como uma designação qualificada da linguagem poética. Era o momento da ligação da concepção da poesia como estilo e ontologia, como universo recriado e moldura que continha esse universo, como combinação entre simbolismo e realismo, ou entre conteúdo e configuração. E a metáfora aparecia aqui como o processo através do qual a imagética literária “acontecia”. Foi então que surgiu a investida do “formalismo russo” e da “nova crítica norte-americana” propondo em vez do conceito de “imagem” e da “figura” o da técnica da transferência, o que equivalia à valorização do valor e dinamismo comunicativos do texto literário. E é nesse enquadramento que a metáfora ganha novo peso.

Isto é, a integração da metáfora na poética, a redução da metáfora ao meramente lexical, que, do ponto de vista diacrónico, mais não era do que a mudança de significado e, do ponto de vista sincrónico, era o domínio da polissemia, caindo assim sob a alçada da estilística, nascendo deste modo os conceitos de “metáforas vivas” e “metáforas mortas”. E a metáfora refugiou-se mais na “retórica” do que na linguística: nesta área permaneceu sempre marginal. A reflexão da retórica sobre a teoria da “transferência” levou a caminhos que passaram a interessar a linguística. Passou-se da retórica para a semiótica e para a hermenêutica. E o confronto da semiótica e da hermenêutica ou semântica levou às noções de metáfora “viva”⁵ e a uma análise linguística mais aprofundada, deixando-se de lado o conceito de metáfora lexical ou frásica, passando-se para um conceito discursivo de metáfora.

A “nova crítica norte-americana” levou a metáfora para uma semântica pragmática, o paradigma estruturalista conduziu-a à taxonomia semiológica e a hermenêutica arrastou-a para uma pragmática histórica. Isto é, estamos uma vez mais perante o convencionalismo das regras semânticas, das estruturas semiológicas e dos tipos históricos que dinamizaram a metáfora.

⁵ RICOEUR, Paul — *La métaphore vivante*, Paris, 1975.

1.1. *Distanciação relativamente à “metáfora” perspectivada pela “retórica”: a “nova crítica”*

Há aqui um distanciamento do conceito de “metáfora” como simples “ornamento” e a afirmação da “metáfora” como elemento essencial da própria língua ⁶: a metáfora é «the omnipresent principle of language». A confusão entre “imagem” e “figura” é clarificada pela distinção entre “teor” e “veículo”: a metáfora instancia simultaneamente teor e veículo, ou só veículo ⁷, tratando-se, no fundo, da interacção entre os conteúdos presentes no (con)texto e conteúdos presentes em outros (con)textos. Quando a retórica ou a poética falam de “imagem” ou “figura” apenas acentuam um dos lados da metáfora: o “veículo”, quando realmente há cooperação entre os dois aspectos ⁸. Por isso se torna bem claro que a metáfora só é válida no discurso e que a base constitutiva da metáfora pode tanto ser a “similitude” entre duas coisas como a “disparidade” entre elas ⁹.

E entramos assim na “semântica” da metáfora ¹⁰: a metáfora tem o seu foco numa palavra ou numa frase, mas o seu enquadramento (= frame) situa-se na semântica. A “teoria da substituição” relativa à metáfora ¹¹ com base na “semelhança” ou na “analogia” das respectivas designações, como se dissesse uma coisa e se pensasse outra, equivale a dizer que o leitor ou ouvinte, ao interpretar a metáfora, faria o mesmo jogo como se estivesse a resolver uma “enigma” ou uma “charada”. Por outro lado há a “teoria da comparação” na metáfora ¹², “comparação elíptica/abreviada” (= elliptical simile), “comparação abreviada”, que mais não é do que um caso especial da “teoria da substituição”. E a similitude ou analogia são

⁶ «In der Geschichte der Rhetorik wurde die Metapher durchwegs als eine Art fröhliche Wortspielerei behandelt...», «Metapher gilt als eine Verschönerung, ein Ornament oder eine zusätzliche Macht der Sprache, nicht als ihre konstitutive Form.» e «Dass die Metapher das allgegenwärtige Prinzip der Sprache ist, kann anhand blosser Beobachtung nachgewiesen werden.» RICHARDS, I. A. — *Ibid.*, pp. 32 e 33.

⁷ Cfr. *Id.*, *Ibid.*, pp. 37ss.

⁸ Cfr. *Id.*, *Ibid.*, pp. 37-38 e 43-44.

⁹ «Die Auffassung, die Metapher sei in der Rede allgegenwärtig, lässt sich theoretisch begründen.» e «Wir dürfen nicht in Uebereinstimmung mit dem 18. Jahrhundert annehmen, dass die Interaktionen von Tenor und Vehikel an ihre Aehnlichkeit (= resemblance) gebunden sein müssen. Es gibt auch Wirkung durch Disparität.» (*Id.*, *Ibid.*, pp. 34 e 50).

¹⁰ Vou apoiar-me num dos muitos autores possíveis, neste domínio (BLACK, Max — *Metaphor*, in «Proceedings of the Aristotelian Society» 55 (1954), pp. 273-294). Utilizo a versão alemã (*Die Metapher*), in HAVERKAMP, Anselm — *Op. cit.*, pp. 54-79).

¹¹ «a substitution view of metaphor» (BLACK, M. — *Ibid.*, p. 61).

¹² «a comparison view of metaphor» (BLACK, M. — *Ibid.*, p. 66).

valores escalares, muito diferenciáveis: e não será muito mais pertinente procurar saber se a similitude entre “teor” e “veículo” é maior ou menor, ou antes averiguar ¹³ se a similitude foi ou não criada pela metáfora e em que medida isso acontece? Propõe este autor uma teoria alternativa: a “teoria da interação” (= interaction view of metaphor). Esta interação verifica-se entre os dinamismos cooperantes dos significados das expressões representadas (a do “objecto principal” e a do “objecto subordinado”): a expressão ausente e a presente, e a cooperação entre escrevente e leitor. E a metáfora selecciona, acentua, organiza e reorganiza determinados traços do “objecto principal” (ou “expressão principal”), traços que lhe são atribuídos por pertencerem de modo normal ao “objecto subordinado” (ou “expressão subordinada”).

É também num enquadramento semântico que se situa Paul Henle ¹⁴: que se propõe caracterizar semanticamente a metáfora, nomeadamente o alargamento da língua para descrever novos estados de coisas e assim dar à língua maiores possibilidades de colorações bem mais matizadas ¹⁵. Por outro lado, a metáfora distingue-se das demais figuras que se apoiam também na analogia, pelo seu valor icónico, o que serve de suporte á ligação entre o sentido literal e o sentido figurado (ou transferido). E uma das tónicas da teoria da metáfora na “gramática cognitiva” — como veremos — é a das chamadas “metáforas ontológicas”: a necessidade que o homem tem de “entificar” as coisas para assim as poder identificar, quantificar, referenciar. É também nesse sentido que se orienta a “nova crítica norte-americana”, mas nos dois sentidos:

«Es kann also kein Zweifel darüber bestehen, dass die Metapher für die Entwicklung konkreter und abstrakter Begriffe eine bedeutsame Rolle spielt...» (HENLE, P. — *op. cit.*, p. 98).

¹³ «Es wäre in einigen dieser Fälle aufschlussreicher zu sagen, die Metapher schafft Aehnlichkeit (similarity), statt zu sagen, sie formulieren eine bereits vorher existierende Aehnlichkeit» (BLACK, M. — *Ibid.*, p. 68).

¹⁴ HENLE, Paul — *Metaphor*, in «Language, Thought, and Culture», Ann Arbor, 1958, 173-195. Sirvo-me da versão alemã: *Die Metapher*, in HAVERKAMP, Anselm — *Op. cit.*, pp. 80-105.

¹⁵ Normalmente, estes autores partem da definição aristotélica de metáfora («Metaphor consists in giving the thing a name that belongs to something else» (cf. *Id.*, *Ibid.*, p. 80, n. 1) ou ainda «Metaphor (*metaphora*) is the transference (*epiphora*) of a name (from that which it usually denotes) to some other object» (WHEELWRIGHT, Philp — *Semantik und Ontologie*, in HAVERKAMP, Anselm — *Op. cit.*, pp. 106-119, 112 n. 1. Trata-se da versão alemã de: *Semantics and Ontology*, in «Metaphor and Symbol», ed. Lionel C. Knights/Basil Cottle, Londres, 1960).

1.2. O paradigma estruturalista: semiótica da metáfora

O paradigma estruturalista dos termos da retórica mergulham na teoria dos dois “eixos” de Jakobson e aqui a metáfora e a metonímia não são certamente os pontos de partida da teoria, mas antes a sua ilustração poética. A distinção linguística entre o eixo paradigmático e o eixo sintagmático é o resultado da selecção e da combinação, distinção que Jakobson retirou dos princípios da similaridade e da contiguidade da psicologia associativa e que considerou exemplificados nas figuras da metáfora e da metonímia. Esta dedução baseia-se em última instância na oposição entre língua poética e língua prática, distinção que atravessou o formalismo russo na alternativa entre o simbolismo e o realismo: a associação entre som e conteúdo (como automização) e dissociação poética do som e conteúdo (des-automização). “Contextura”, solidariedades lexicais, isotopias do discurso, “desvios”, etc., são designações de conceitos que irromperam dentro do paradigma estruturalista da metáfora¹⁶. Em Jakobson, ao conceito do “desvio” sintagmático contrapõe-se a compensação paradigmática na regularização da polissemia¹⁷.

Dentro do paradigma estruturalista, J. Lacan considera que a metáfora nasce na “condensação”, na sobreposição dos significantes e a conexão metonímica resulta do fluir do discurso, conexão entre o presente e o ausente¹⁸. Trata-se, no fundo, de uma parte, do retorno à teoria da substituição, e, por outra parte, da retoma da teoria da interacção de Black. Mas o paradigma estruturalista proposto por Jakobson manteve-se nas suas coordenadas principais¹⁹. No entanto, a tendência para um dimensiona-

¹⁶ Cfr. COSERIU, Eugenio — *Lexikalische Solidaritäten*, in «Poetica» 1 (1967), pp. 293-303; GREIMAS, A. J. — *La sémantique structurale*, Paris, 1966; RASTIER, F. — *Systématique des isotopies*, in «Essais de sémiotique poétique» (Org. A. J. Greimas, Paris, 1972), pp. 80-105.

¹⁷ Cfr. JAKOBSON, Roman — *Der doppelcharakter der Sprache und die Polarität zwischen Metaphorik und Metonymik*, in HAVERKAMP, Anselm — *Op. cit.*, pp. 163-174.

¹⁸ «La Verdichtung, la condensation c'est la structure de surimposition des signifiants où prend son champ la métaphore...» e «L'étincelle créatrice de la métaphore... jaillit entre deux signifiants dont l'un s'est substitué à l'autre en prenant sa place dans la chaîne signifiante, le signifiant occulté restant présent de sa connexion (métonymique) au reste de la chaîne.» (LACAN, J. — «L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud», in *Ecrits*, Paris, 1966, pp. 493-528, 511 e «La métaphore du sujet», in *Ecrits, Appendice II*, 1966, pp. 889-892, 890.

¹⁹ «La définition du paradigme est, structurellement, identique à celle de la métaphore: au point qu'il est loisible de considérer cette dernière comme un paradigme déployé en syntagme.» (DUBOIS, J.; EDELINE, F.; KLINKENBERG, M.; MINGUET, P.; PIRE, F.; TRINON, H. — *Rhétorique générale*, Paris, 1970, p. 116). Este grupo (chamado o grupo da “retórica geral”)

mento generalizado da metáfora para compreender todas as outras figuras que tenham a ver com substituição e analogia mantém-se e acentua-se nos últimos tempos do estruturalismo ou pós-estruturalismo.

1.3. *O paradigma hermenêutico ou hermenéutica da metáfora*

Com Blumenberg²⁰ o estudo da metáfora encaminhou-se para um paradigma essencialmente hermenêutico, isto é, não se segue o caminho que levou à conceptualização do “mythos” por meio do “logos”, mas o que nos leva à descoberta dos meandros do pensamento. A descoberta dos “topoi”, da língua como “museu” onde a língua deposita na polissemia os ganhos e as perdas das mudanças de significado das palavras. A analogia entre o paradigma linguístico e o tópico retórico foi descoberto por H. Weinrich no “campo imagético” e transferido para o “campo lexical”, para o contexto e para outras metáforas²¹.

Na tradição de “Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter” de Curtius (Berna, 1948), à “*translatio*” chama-se metáfora. A história da estrutura do pensamento está organizada em estruturas, implicando, em dados momentos, a metafórica de um paradigma. A metáfora absoluta é relativizada em paradigmas metaforológicos que vão enriquecendo o universo dos conceitos²². A metáfora surge assim como um potencial criativo e cognitivo. E assim se transpõe a reflexão para as condições contextuais do discurso filosófico, ou para a hermenéutica do texto filosófico. A tradição filosófica, na medida em está ligada à língua, pressupõe a retórica,

atribui à sinédoque um papel fundamental, sendo a metáfora e a metonímia “figuras compostas” resultantes de diferentes combinações de vários tipos de sinédoque (cfr., a este propósito, RUWET, Nicolas — *Synecdoques et métonymies*, in «Poétique» 6 (1975), pp. 371-388 e TODOROV, Tzvetan — *Synecdoques*, in «Communications» 16 (1970), pp. 26-35.

²⁰ BLUMENBERG, Hans — *Paradigmen zu einer Metaphorologie*, Bonn, Bouvier, 1960. Cito a partir de HAVERKAMP, Anselm — *Op. cit.*, pp. 285-315.

²¹ WEINRICH, Harald — *Semantik der kühnen Metapher*, in «Sprache in Texten», Stuttgart: Klett-Kotta, 1976, pp. 295-316. Cito de HAVERKAMP, Anselm — *Op. cit.*, pp. 316-339. Foi publicado pela primeira vez em 1963. Temos presente apenas a sua definição de “metáfora”: «Eine Metapher, und das ist im Grunde die einzig mögliche Metapherdefinition, ist ein Wort in einem Kontext, durch den es so determiniert wird, dass es etwas anderes meint, als es bedeutet.» (p. 334). Acentua mais adiante que não é apenas o contexto que determina e torna a metáfora transparente ou opaca, mas é ainda a sua ligação com outras metáforas.

²² BLUMENBERG, H. — *Op. cit.*, *Ibid.*, pp. 287ss.

mas não analisa a conceptualidade e conceptualização dos textos, mas antes a sua “não-conceptualização” na medida em que a metáfora inter-vém. Estamos assim perante a análise da metafórica do texto e não do discurso. É no fundo a lisibilidade do mundo que está em causa. A procura do texto absoluto na pluralidade dos textos, a procura da palavra que está por debaixo das palavras: e a metáfora é uma das portas de acesso, por ser o outro lado da “medalha”, a “metáfora absoluta” na pluralidade das metáforas. Afinal a metáfora absoluta torna-se regra de reflexão e de conceptualização²³. É precisamente a partir da relação entre a metaforologia e a história dos conceitos que se chega à estrutura do pensamento. E ao tentar-se elaborar uma tipologia da história das metáforas, o problema é situado na dualidade “mythos” e “metafórica”, em que a metáfora é a zona de transição entre o “mythos” e o “logos” e, afinal, o “mito” é a própria metáfora absoluta²⁴.

A definição de metáfora está assim a ser sujeita a uma reaproximação da definição aristotélica e das dos seus comentaristas mais fiéis. *Metaphorá* ou *trópos*, *metaphorá* como *translatio* ou *mutatio* ou transferência, *metaphorá* como *similitudo* e analogia, a metáfora contextualizada (actualizada em textos) ou metáfora em relação à língua, são as dimensões questionadas²⁵.

No esforço de explicação da metáfora chega-se á conclusão de que a teoria da metáfora e a teoria do texto têm uma base comum: o discurso²⁶, é que não há metáfora sem contexto, mesmo que a instanciação da transferência (= o foco) incida na palavra, e ainda que este foco exija um enquadramento (= frame) frásico. O discurso nas suas componentes

²³ «Die Metapher ist deutlich charakterisiert als Modell in pragamatischer Funktion. an dem eine “Regel der Reflexion” gewonnen werden soll...» e «Die Aufgabe einer metaphorologischen *Paradigmatik* ist freilich nur die einer Vorarbeit zu jener noch obliegenden “tieferten Untersuchung”. Sie sucht Felder abzugrenzen, innerhalb deren Feststellung zu erproben. Dass diese Metaphern absolut genannt werden, bedeutet nur,..., dass nicht eine Metapher durch eine andere ersetzt bzw. vertreten oder durch eine genauere korrigiert werden kann. Auch absolute Metaphern haben daher *Geschichte*.» (BLUMENBERG, H. — *Ibid.*, p. 289).

²⁴ Cfr. BLUMENBERG, H. — *Op. cit.*, pp. 291ss.

²⁵ Para uma breve leitura destes aspectos vide LIEB, Hans-Heinrich — *Was bezeichnet der herkömmliche Begriff ‘Metapher’?*, in HAVERKAMP, Anselm — *Op. cit.*, pp. 341- 349.

²⁶ «Unsere erste Aufgabe wird darin bestehen, eine gemeinsame Grundlage für die Texttheorie und die Metapherntheorie zu finden. Diese gemeinsame Grundlage hat bereits einen Namen: Diskurs.» (RICOEUR, Paul — *La métaphore et le problème central de l’herméneutique*, in «Revue philosophique de Louvain», 70 (1975), pp. 93-112. Cito de HAVERKAMP, Anselm — *Op. cit.*, p. 357.

envolve um acontecimento enunciativo e significado, identificação precisa e predicação generalizada, acto proposicional e acto ilocucionário, sentido e significado, referência configuradora e auto-referência. E a metáfora instaura-se como uma alteração contextual do significado. Devemos lembrar que uma metáfora “morta” já não é uma metáfora, mas sim uma expressão como qualquer outra de que já não há qualquer uso metafórico²⁷: o caso de *músculo*, por exemplo, quem recorda a metáfora que já foi? Ou quem é que, ao falar, refaz o caminho percorrido por *pé de meia*, (um) *ver se te avias*, (ser um) *unhas de fome*, etc. Há metáforas já extintas, outras ainda activas, conservando toda a sua ressonância.

2. Metáfora na “teoria cognitiva”

2.0. Os cognitivistas não pretendem fazer grandes incursões na história da metáfora ou estabelecer os caminhos percorridos pelos estudiosos da metáfora, mas tão somente definir de modo muito linear a metáfora, quer em si mesma, quer em relação à metonímia e sinédoque, e sobretudo mostrar como estas três figuras são fundamentais na construção da linguagem, quer como criações novas, quer como enriquecimento dos processos de configuração da realidade circundante: a existente e a emergente.

Nós iremos fazer a aplicação de alguns princípios cognitivistas à linguagem no domínio da economia.

Do ponto de vista teórico pretendemos sobretudo testar as propostas de George Lakoff e Mark Johnson²⁸ e as discussões centradas na teoria cognitivista, nomeadamente, no papel da metáfora. É que, se sempre houve publicações abundantes à volta desta temática, a teoria cognitiva fez acordar ainda mais o interesse por estas figuras. Não se esqueça que a semântica dos “frames” de Fillmore, as noções de “script” de Roger Schank, de “linguistic gestalts” e “experiential gestalts” de George Lakoff e Mark Johnson, da “semelhança de famílias” de Ludwig Wittgenstein, do “protó-

²⁷ Cfr. BAAXCK Max — *More about metaphor*, in «Dialectica» 31 (1977), pp. 431-457. Cito de HAVERKAMP, Anselm — *Mehr über die Metapher*, *Ibid.*, pp. 379-413. Max Black usa algumas das estratégias explicativas das metáforas estruturais utilizadas depois por Lakoff/Johnson (cfr. p. 394).

²⁸ Utilizo tanto a edição original (LAKOFF, Georges; JOHNSON, Mark — *Metaphors we live by*, The University of Chicago Press, Chicago and London, 1980) como a tradução para língua francesa (*Les métaphores dans la vie quotidienne*, trad. do ingl. por Michel Defornel em colaboração com Jean-Jacques Lecercle, Paris, Minuit, 1985).

tipo” e “estereótipo” de Eleanor Rosch e Putnam, entre outras influências também marcantes, deram à metáfora um papel ainda mais relevante do que aquele que até então lhe tinha sido dado ²⁹.

2.0.1. Sem aprofundarmos o enquadramento da linguística cognitiva ³⁰, devemos no entanto avançar alguns dados que reputamos essenciais. Muitos dos dados propostos pela teoria não são novos, nova é a configuração apresentada dos elementos intervenientes. Eis alguns desses elementos, em que a novidade está mais no seu dimensionamento integrado do que na sua inventariação. Senão vejamos: as línguas naturais fazem parte da cognição humana e como tal ligam-se a outros domínios, e isto aponta desde logo para a necessidade de uma investigação interdisciplinar. Por outro lado, as estruturas linguísticas dependem da conceptualização e, por sua vez, as mesmas estruturas afectam essa conceptualização, de que resulta necessariamente o condicionamento, tanto para as estruturas cognitivas como para a conceptualização, pela nossa experiência pessoal, pelo mundo circundante e pelas relações existentes entre nós próprios e o mundo. As estruturas ou unidades linguísticas fazem parte da categorização e influenciam-na, e a sua organização está feita em protótipos, estereótipos e semelhanças de famílias. Já não é a pragmática que superordena o conjunto da comunicação, mas sim a semântica, que faz com que o todo comunicativo tenha conteúdo. Há uma continuidade e uma conexão entre a linguagem e as demais capacidades cognitivas: conceptualização, categorização, memória, atenção, etc. A competência linguística (e também a competência gramatical) é um aspecto da capacidade da inteligência humana. Tudo é motivado semanticamente, inclusive a sintaxe. O significado é tido como enciclopédico.

As construções linguísticas correspondem a determinados esquemas construcionais, quer se trate de léxico ou de gramática, de morfemas derivativos ou flexionais. A noção de prototipicidade começou a aplicar-se sobretudo a nomes, mas depois foi levado para outros elementos, quer morfemas, quer construções mais amplas. O protótipo é a representação mental do exemplar típico de uma dada categoria, tendo em linha de conta

²⁹ Para uma visão mais abrangente da noção de “metáfora”, no “antes” e no “depois” da teoria cognitiva vde HAVERKAMP, Anselm (edit.) — *Theorie der Metapher*, Darmstadt, Wissenschaft Buchgesellschaft, 1983.

³⁰ Lembro apenas que, entre outros suportes, a linguística cognitiva conta já com uma associação («International Cognitive Linguistics Association»), criada em 1990, uma revista «Cognitive Linguistics» e uma série «Cognitive Linguistics Research».

outros exemplares mais ou menos próximos do exemplar tido como prototípico, de que podem ser “extensões” (ou “figurações”)³¹. Isto é, as estruturas linguísticas são esquemas de dadas estruturas abstractas, em que existem, além do esquema, as extensões metafóricas ou metonímicas de um dado protótipo construídas com base nesse esquema abstracto³².

2.0.2. O escopo da nossa reflexão, a partir de agora, como já referimos, é a aplicação e discussão do conceito de metáfora e os esquemas de imagem de Lakoff e Johnson³³ (1980) e a tentativa de aplicação a um domínio da língua. O significado é interpretado como “conceptualização”, como um processo cognitivo ou o seu resultado. E qualquer categoria linguística é essencialmente polissémica e a semântica é do domínio do enciclopédico, envolvendo tudo aquilo que contribui para o seu conteúdo. Não pode haver distinção entre primitivos semânticos e outros traços sémiicos, ficando excluída a possibilidade de representação por feixes de traços distintivos, mas deve ser feita com base em domínios cognitivos, sejam eles os domínios cognitivos idealizados de Lakoff, os “frames” de Fillmore, ou as “scenes” ou “scenarios”, os “scripts”, modelos mentais ou espaços mentais de diferentes autores. E esses domínios ou são básicos, como os domínios de tempo, de espaço, ou são complexos, os que envolvem vários domínios, em que uns são mais centrais do que outros. A própria forma como esse conteúdo é construído tem importância: um mesmo conteúdo pode apresentar diferentes construções (com base nas imagens convencionais de Langacker), ou, em termos lakoffianos, através das percepções corporais e das “gestaltll” experienciais, e ainda através do papel da metáfora e da metonímia na cognição e categorização humanas. Algumas das

³¹ Assim, por exemplo, um nome contável será “uma região delimitada num dado domínio” e um nome massivo é “uma região não delimitada num domínio” (região = “um conjunto de entidades interligadas”).

³² É interessante ver de modo rápido como estes autores interpretam as classes gramaticais tradicionais. Langacker divide as categorias gramaticais em expressões nominais e expressões relacionais, ou seja, em coisas e relações. Uma coisa obedece ao seguinte esquema: é uma região em algum domínio. Uma relação é um conjunto de conexões entre entidades. Em “coisa” inserem-se as classes tradicionais do nome, do pronome, do sintagma nominal. Nas “relações” situam-se o verbo, o adjectivo, o advérbio, a preposição, o particípio, o infinitivo, a cláusula ou frase.

³³ Cfr. Para uma breve resenha e algum levantamento bibliográfico cfr. SILVA, Augusto Soares da — *A gramática cognitiva. Apresentação e uma breve aplicação*, in «Diacrítica», 10 (1995), pp. 85-116 e sobretudo ALMEIDA, Clotilde — *Transitividade e trajetória nas concepções de abrir e de cortar em português e alemão: análise prototípico-analista*, Dissertação de Doutoramento, Lisboa, Fac. de Letras, 1995.

imagens convencionais de Langacker são a especificidade, o «background» (as suposições, as perspectivas, as pressuposições, etc.), o âmbito, a perspectiva (posição do locutor ou do alocutário, orientação, a subjectividade, a objectividade, etc.) e a saliência (o perfil ou foco de atenção, o trajector, a base ou o marco (que localiza o trajector)). Enfim, trata-se de dados verificados e verificáveis pela experiência humana. Deixemos a construção gramatical (= construção compósita) para um outro estudo. Retomemos os pressupostos e propostas de Lakoff e Johnson.

2.1. Definição do conceito de “metáfora”³⁴

A metáfora não é apenas nem sobretudo um produto da imaginação poética ou ornato retórico, assim como não é um simples uso extraordinário da língua ou algo apenas ligado a palavras, mas sim algo que é típico da língua e da sua construção³⁵:

«Primarily on the basis of linguistic evidence, we have found that most of our ordinary conceptual system is metaphorical in nature» (Lakoff/ Johnson 1980: 4).

Como já afirmámos, esta perspectivização da metáfora não é nova: a metáfora foi sempre (ou quase sempre) vista como enriquecedora da linguagem, na medida em que a disponibilizava para configurar a realidade de modo diferente e mais matizado³⁶. O que é novo foi o inquérito feito

³⁴ Estamos a apresentar a teoria da metáfora como ela é considerada por Lakoff/Johnson. Apenas tentaremos não trair o pensamento dos autores e aplicar o “instrumentário” a alguns domínios da língua portuguesa. Fizemos já, no primeiro capítulo, uma releitura das propostas de alguns autores tidos como clássicos e mais representativos de escolas e interpretações da herança aristotélica, nomeadamente, os da “nova crítica norte-americana”, e vimos como muitos dos vectores explicativos da metáfora de Lakoff/Johnson já aí estavam presentes.

³⁵ «We have found... that metaphor is pervasive in everyday life, not just in language but in thought and action. Our ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature» (LAKOFF; JOHNSON — *Op. cit.*, 1980, p. 3).

³⁶ Vejamos apenas um autor — Paul Henle — que toma como pontos da sua reflexão esses mesmos parâmetros:

«Hauptsächlich werden uns zwei Funktionen beschäftigen: die Erweiterung der Sprache, um neue Sachverhalte zu beschreiben, und die poetische Funktion, der Sprache Färbung und Nuancierung zu geben.» (HENLE, Paul — *Die Metapher*, in: HAVERKAMP, Anselm — *Theorie de Metapher*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1983, pp. 80-105, 80. (O original — *Metaphor* — foi publicado em: «Language, Thought, and Culture». Ann Arbor 1958, pp. 173-195).

por vários meios e a um universo razoável de pessoas pelos autores para testar, ampliar os exemplos e, sobretudo, a sistematização teórica dos resultados assim obtidos.

2.1.1. Metáforas estruturadas

As definições de metáfora tinham insistido na figura como a compreensão de alguma coisa em termos de outra coisa, apontando sobretudo para a metáfora de palavras. Lakoff/Johnson não vêem a metáfora tanto nas palavras como acima de tudo no próprio conteúdo e na conceptualização e esse conteúdo metafórico torna-se mesmo o sentido literal das palavras³⁷ e a própria compreensão das metáforas por parte dos falantes dá-se porque nós nos situamos nesse ambiente. O nosso sistema conceptual é essencialmente metafórico³⁸ e a conceptualização metafórica é feita de modo sistemático. Por exemplo, o velho princípio «time is money» ou «o tempo é dinheiro» desdobra-se em o tempo é mercadoria, o tempo pode ser quantificado, objectivizado: pagamos à hora a mulher a dias, vendemos o nosso trabalho ao mês/ao ano, o tempo perde-se ou ganha-se:

Os guarda-redes só sabem *queimar tempo* quando o seu clube está a ganhar

o tempo gere-se, economiza-se, é gasto bem ou mal, é bem ou mal investido:

Não temos tempo a perder

Gastamos tempo com ninharias

Procuramos ganhar tempo quando as coisas não correm a nosso favor,
etc.³⁹.

Os conceitos estão interligados de modo sistemático formando um todo coerente. Por outro lado, se a sistematicidade estabelecida pela conceptualização metafórica — a rede metafórica — nos permite compreender a vertente de um dado conceito em termos de outro conceito, essa sistematicidade oculta uma outra vertente do mesmo conceito, como se vê pela metáfora do “conduit”, exemplificada em:

As ideias ou os significados são objectos.

³⁷ «The essence of metaphor is understanding and experiencing one kind in terms of another» (*Id., Ibid.*, p. 5).

³⁸ «Metaphors as linguistic expressions are possible precisely because there are metaphors in a person's conceptual system» (*Id., Ibid.*, p. 6).

³⁹ Cfr. *Id., Ibid.*, pp. 8 e ss.

As expressões linguísticas são “contentores”:

*Comunicar é fazer chegar algo*⁴⁰.

O que nos abre todo um leque de exemplos, em que o locutor põe o conteúdo (as ideias ou os objectos) nas palavras (nos “contentores”: containers) e transmite-os por meio de um trajector (ou “conduit”) a um ouvinte, que, por sua vez, tira as ideias/objectos dos contentores, tais como:

Fui eu quem te *deu esta ideia*
Não é nada fácil dizer o que *penso em palavras*
Procure *armazenar o máximo de ideias no mínimo de palavras*
O *significado fica escondido nas palavras* (que usas)
As *tuas palavras têm muito pouco conteúdo/ sumo*
Sobrecarregas a frase com demasiadas ideias
As *tuas palavras soam a falso/ a vazio*
A *frase é totalmente vazia de sentido*
*Afogas as tuas ideias num montão de palavras*⁴¹.

A metáfora aqui apresentada — a metáfora do “conduit” — oculta alguns aspectos do que pretendemos configurar.

Chamam a este género de metáforas **metáforas estruturadas** — *structural metaphors* — em que um conceito se encontra metaforicamente estruturado em termos de outro conceito. Há ainda as metáforas orientacionais.

2.1.2. Metáforas orientacionais⁴²

Já não se trata da estruturação metafórica de um conceito em termos de outro, mas antes de toda uma organização a envolver o próprio sistema de conceitos transportando esse sistema para outro sistema. A designação de **metáforas orientacionais** explica-se pelo facto de terem a ver, em grande medida, com relações espaciais, do género: *em cima* vs. *em baixo*, *dentro* vs. *fora*, *à frente* vs. *atrás*, *central* vs. *periférico*, *profundo* vs. *superficial*, etc. Torna-se evidente que estamos perante um reflexo do

⁴⁰ «Ideas (or meanings) are objects», «Linguistic expressions are containers» «Communications is sending» (LAKOFF; JOHNSON — *Op. cit.*, 1980, p. 10).

⁴¹ Fiz a tradução ou adaptação de alguns exemplos de LAKOFF; JOHNSON — *Op. cit.*, 1980, p. 11.

⁴² Cfr. LAKOFF/JOHNSON — *Op. cit.*, 1980, pp. 14 ss.

corpo humano, em que a configuração do universo escorre do homem como ser falante:

*O atleta está agora no pico da forma vs.
O atleta está em baixo / fora de forma.*

E temos um número não pequeno de expressões que patenteiam este tipo de metáforas, a partir do próprio homem, em que “em cima” está o bem e “em baixo” o mal:

Este resultado no concurso *levantou-me o moral*
Hoje estou mesmo *na fossa/ em baixo*
Ele está agora *em queda livre*
Ela *caiu em depressão*
Ela está muito *por baixo*
Ela anda *sobre nuvens*
Ele está no *sétimo céu* (desde que ganhou o totoloto).

A partir do elemento físico da metáfora orientacional, nasce uma série de transferências e aplicações a outros domínios: a consciência, a saúde, o poder, a riqueza, o bom estão “em cima” e a inconsciência, a doença, a subordinação, a pobreza, o mal, etc., estão “em baixo”:

Ele *caiu de cama* / ele *sucumbiu à doença* vs. Ele conseguiu *superar a doença*
Ele *caiu em depressão* vs. Ele já *ultrapassou a depressão*
Ele *caiu em coma* vs. Ele *despertou do coma*⁴³
Ele *mergulhou num sono profundo* vs. Ele *acordou dum sono profundo*
Ele está *sob hipnose* vs. Ele *libertou-se da hipnose*
A saúde está *a declinar* vs. A sua condição física *continua a subir*
Ele está *sob* o meu domínio vs. Ele está no degrau *mais baixo da escala*
A sua *ascensão social* foi rápida vs. O seu poder *entrou em declínio*
Os meus rendimentos *cresceram* vs. A inflação faz *baixar* os meus rendimentos
Ele é de *alta estirpe* vs. Ela é de *baixa condição*
Ele fez um trabalho de *alto nível* vs. As coisas estão a *descer ao nível mais baixo de sempre*
Ele é um cidadão *acima de toda a suspeita* vs. Ele *desceu ao mais baixo* da degradação.

A conclusão parece tornar-se evidente: uma boa parte dos nossos conceitos fundamentais organiza-se em torno de metáforas que têm a ver com a “orientação” e isto verifica-se de um modo sistemático, em que a

⁴³ «O despertar do estado do coma está repleto de surpresas» (*Público*, 28.4.96).

nossa experiência se encontra envolvida até ao âmago⁴⁴. E os dados culturais são peças importantes na construção do nosso sistema de conceptualizações. Mas pode haver pequenas ilhas onde ocorram fugas à generalidade, como certos conceitos de valor negativo que contrariam a oposição “em cima” vs. “em baixo”, como por exemplo, «a inflação está a crescer», «a criminalidade está em crescendo», etc. e não se trata de coisas boas.

2.1.3. Metáforas ontológicas⁴⁵

2.1.3.1. Definição de metáforas ontológicas

As metáforas estruturais e orientacionais não são suficientes para a categorização da nossa experiência: necessitamos de agrupar, identificar, quantificar, racionalizar os dados que vamos experienciando. É que muitos dos dados da nossa experiência quotidiana não são objectos concretos: a inflação (*A inflação vai corroendo as nossas poupanças*), o medo (*O medo guarda a vinha que não o vinhateiro*), a honra (*A honra é um bem prestes a desaparecer*), a paciência (*Precisamos de muita paciência para aturarmos os nossos homens públicos*), o poder político (*Uns têm todo o poder político e outros não têm nenhum*), etc. Isto é, quantificamos (com *muito/pouco, algum/nenhum*), identificamos (com o uso dos determinantes), perspectivamos determinados aspectos (*O lado sinistro da personalidade das pessoas*), motivamos as nossas acções (*A procura da honra e da fortuna, A solução dos nossos problemas*, etc.), etc. As **metáforas ontológicas** permitem-nos lidar com conceitos e abstracções como se de entidades manipuláveis se tratasse: referenciamo-las, quantificamo-las, delimitamo-las, etc.

A objectivização das abstracções é o processo normal de podermos referenciar, delimitar, identificar os nossos mitos ou criações:

O meu raciocínio/a minha capacidade de reflexão engravou
Hoje estou enferrujado de todo
A regionalização nem ata nem desata/nem aquece nem arrefece
Ele ficou em fanicos com a morte dos pais
Ela foi-se abaixo das canetas com os percalços da vida

⁴⁴ «... we feel that no metaphor can ever be comprehended or even adequately represented independently of its experiential basis» (*Id.*, *Ibid.*, p. 19).

⁴⁵ Cfr. LAKOFF; JOHNSON — *Op. cit.*, 1980, pp. 26 e ss.

2.1.3.2. *Metáfora do “contentor”*: as zonas territoriais ⁴⁶

O homem toma consciência de si como um ser fisicamente delimitado em relação ao resto do mundo, que considera como algo fora de si. E projectamos todos os objectos com um “dentro” e um “fora”: entramos e saímos de espaços, entramos e saímos de uma floresta, de uma banheira, de um país, de um campo de futebol, de uma cidade, etc. Mesmo objectos sólidos têm um dentro e um fora, até nomes massivos (*entramos e saímos da água, entramos e saímos da crise, entramos e saímos da depressão*, etc.). A própria conceptualização do que vemos é feita em termos de **campo visual** e portanto de **contentor**:

«We conceptualize our visual field as a container and conceptualize what we see as being inside it.» (Lakoff/ Johnson 1980, p. 30).

Quando vemos uma dada massa atribuímos-lhe uma superfície: o que vemos e o que não vemos. Neste domínio os exemplos abundam:

Navegar à vista / Ele só agora entrou no meu *campo de visão*

Aquela casa estragou-me o *campo de visão*: não posso identificar o que se passa do outro lado.

2.1.3.3. *Objectivização de acontecimentos, acções e estados*

O que Lyons ⁴⁷ designava como entidades de segunda ordem — acontecimentos, acções, actividades e estados — entram também no domínio das **metáforas ontológicas** ⁴⁸. As “acções” e os “eventos” são entendidos como objectos, as “actividades” como substâncias e os

⁴⁶ «We are physical beings, bounded and set off from the rest of the world by the surface of our skins, and we experience the rest of the world as outside us. Each of us is a container with a bounding surface and an in-out orientation. We project our own in-out orientation onto other physical objects that are bounded by surfaces. Thus we also view them as containers with an inside and an outside.» (LAKOFF; JOHNSON — *Op. cit.*, 1980, pp. 29) (= Nós somos seres físicos, limitados e separados do resto do mundo pela superfície da nossa pele, e fazemos a experiência do mundo como estando fora de nós. Cada um de nós é um contentor possuindo uma superfície-limite e uma orientação dentro-fora. Projectamos esta orientação dentro-fora noutros objectos físicos que também são limitados por superfícies e consideramo-los como contentores providos de um dentro e um fora.)

⁴⁷ Cfr. LYONS, John — *Semantics*, Vol. II, Cambridge Univ. Press, London, 1977, pp. 438-452.

⁴⁸ Cfr. LAKOFF; JOHNSON — *Op. cit.*, 1980, pp. 30ss.

“estados” como “contentores”. Assim, no exemplo de Lakoff/Johnson, a “corrida” é entendida como uma entidade discreta, como um “acontecimento”, envolvendo um “contentor” (contentor-objecto):

Alguém está *fora da corrida*

ou como simples objecto:

Vi, no domingo, a corrida

ou a “chegada” é entendida como um “acontecimento” no interior de um “Objecto-Contentor”:

A chegada da corrida foi impressionante

ou os “bons momentos” são considerados como uma “substância” num Contentor:

Houve *bons momentos na corrida*

ou ainda considerar como Objecto “muitos sprints”:

Houve *muitos sprints* no final.

Actividades e estados são considerados como contentores, de que emergem ou em que estão contidos acções ou “estados” (objectos):

Investi muita energia na elaboração deste artigo

Ela está *em boa forma*

Ela entrou *numa fase de euforia*

etc.

As chamadas personificações⁴⁹ são igualmente exemplo de metáforas ontológicas, em que propriedades ou entidades não humanas são aproximadas de actividades humanas, ou pela sua motivação, ou por algo que

⁴⁹ A personificação não só “personifica” propriedades ou entidades não-humanas, como ainda perspectiva aspectos diferentes das mesmas entidades de acordo com o modo como apresentamos as coisas («The point here is that personification is general category that covers a very wide range of metaphors, each picking out different aspects of a person or ways of looking at a person. What they all have in common is that they are extensions of ontological metaphors and that they allow us to make sense of phenomena in the world in human terms- terms that we can understand on the basis of our own motivations, goals, actions, and characteristics.» (LAKOFF; JOHNSON — *Op. cit.*, 1980, p. 34).

tem a ver com o homem, ou que se considera como o próprio homem com suas qualidades e defeitos:

Esta / a sua teoria fez-nos compreender como se pode sair desta meada
A vida ensina-nos coisas que os livros nunca ensinam
A inflação entra-nos nos bolsos em cada dia que passa
A inflação destrói-nos por dentro.

2.2. **Metáfora e metonímia**

A metáfora e a metonímia representam processos diferentes de conceptualização: na metáfora, pela transferência, usamos a designação de uma entidade para nos referirmos a outra, concebemos uma coisa em termos de outra, enriquecendo sobretudo a compreensão. Na metonímia joga-se essencialmente com a função referencial⁵⁰. Aqui uma entidade toma o lugar de uma outra. Se a função referencial predomina, não quer dizer que se oblitere a compreensão. Assim, por exemplo, ao designarmos “alguém” por uma “boa cabeça” ou um “bom cérebro”, não se introduz apenas uma nova designação ou referência, mas também se salienta a propriedade para qual apontamos: a cabeça, o cérebro como sedes da inteligência. Há assim também um reforço da compreensão e, evidentemente, do cognitivo.

Como acontecia na metáfora, também na metonímia não existe apenas, nem sobretudo, o poético ou o retórico: corresponde ao nosso modo normal de pensar, de representar as nossas experiências:

Ela é uma *cara linda*
Precisamos de *caras novas* na nossa empresa
As *caras sujas* são as que mais aparecem em público
Gosto de ler o *Cardoso Pires*
Comprei um *Peugeot*
Os autocarros estão de greve
A *Casa Branca* ainda não se pronunciou sobre o assunto
O *Palácio das Necessidades* apresentou um protesto contra o desvio
do *Guadiana*
Lisboa está à espera de resposta de *Jakarta*.

⁵⁰ Ao falarmos de metonímia, incluímos também a sinédoque — a figura em que vale a parte pelo todo:

Precisamos de *braços fortes* (= homens fortes) para levar por diante esta tarefa
Está a chegar *sangue novo* (= pessoas novas) à minha Faculdade
Nós temos *boas cabeças/bons cérebros* (= pessoas inteligentes) mas que nada produzem.

O lugar pela instituição, a instituição pelo responsável, o responsável pelos executantes, o produtor pelo produto, o objecto utilizado pelas pessoas que utilizam, etc., são alguns dos processos sistemáticos com que representamos as nossas vivências e experiências e lidamos com a realidade. E há aqui a intervenção de todo o mundo de símbolos e mitos, hábitos e explicações culturais, etc.: a “pomba” é o símbolo da paz, o “corvo” o símbolo do oculto, a “coruja” o símbolo da morte, a “foice e o martelo” o símbolo da revolução, o “leão” o símbolo da força, o “boi” o símbolo da força e da mansidão, o “cavalo” o símbolo da nobreza e da distinção, etc.

2.3. *Metáforas e contra-metáforas*

Se a metáfora e a metonímia se revelam como processos normais de conceptualização e representação, e ainda se apresentam como processos sistemáticos e sistematizados, há factos aparentemente contraditórios. Assim, por exemplo, o tempo é concebido como um objecto em movimento: o futuro fica à nossa frente, o passado fica atrás, o futuro vem ao nosso encontro, o passado vai ficando cada vez mais longe:

Tempo *virá* em que andaremos todos de “shuttle”
Longo *vai* o tempo dos carros de bois
O tempo *não anda*, *voa diante de nós*
Vamos fazer *face ao futuro* com optimismo
A semana *que vem*, vamos a Lisboa
No ano que *se segue vai haver* eleições autárquicas.

É evidente que pode haver alteração neste “fuir” do tempo: é possível o “futuro” configurar já não o ‘futuro’, mas, por força da “dúvida” instalada nesse domínio de tempo, configurar, no presente, um conteúdo de “incerteza”:

Onde *andar*á ele neste momento/ agora?

Surge também uma metáfora ao avesso: o tempo é imóvel e somos nós quem se move no tempo:

Como nós *avancamos* nos anos!
À medida que *vamos entrando* no segundo milénio crescem os temores
e os tremores!

Mas há ainda outras metáforas que envolvem o tempo, o tempo como se fosse um “caminho” ou uma “viagem”:

Chegamos a um ponto em que podemos rever-nos no já feito e no que temos para fazer
Estamos num impasse e não vamos para parte nenhuma
*Foi um caminho demasiado longo e tortuoso o que fizemos até agora*⁵¹.

E não resisto à tentação de citar um texto em que o “tempo” é “viagem”, “percurso”, em que nos movemos, e o “veículo” somos simultaneamente nós e o tempo:

«O sentido é único e obrigatório. A inversão de marcha e a paragem a meio do percurso absolutamente interditas. À medida que se avança, o terreno torna-se acidentado, cheio de curvas de fraca visibilidade. A partir de certa altura, a marcha só se faz no sentido descendente. Primeiro a inclinação é ligeira, depois mais acentuada, finalmente a pique. Perante a irreversibilidade de um caminho que um dia chega ao fim, a questão é saber percorrê-la com cautela. Envelhecendo, mas devagar.»⁵²

Mas a sistematização das metáforas mostra-se não apenas na abundância de exemplares dessas figuras, como ainda na sua estruturação coerente. Assim, as teorias são construções:

Os fundamentos da sua teoria não são sólidos
A sua argumentação não tem solidez
A sua argumentação está a esboroar-se.

ou as ideias e as palavras são tidas como produtos alimentares ou outros produtos sujeitos a alterações como acontece com quaisquer produtos:

As tuas palavras estão envinagradas
As suas ideias estão requentadas
As suas ideias são coisas que outros já mastigaram
As suas ideias cheiram a bafio
Não sou capaz de digerir o que estás a dizer-me

⁵¹ Cfr. LAKOFF; JOHNSON — *Op. cit.*, 1980, pp. 41 ss.

⁵² CARVALHO, Ana Margarida de — *O medo de envelhecer*, in «Visão», n.º 155, 7-13 de Março de 1996, p. 64.

⁵³ Cfr. LAKOFF; JOHNSON — *Op. cit.*, 1980, pp. 46ss.

ou organismos vivos:

Ele é o *pai* da física moderna
A teoria cognitiva está ainda na *primeira infância*
Esta ideia morreu *à nascença*
As ideias já *amadureceram* (agora resta aplicá-las)
A medicina será um *rebento* da biologia?
Esta é uma teoria *florescente*
Ele fez *germinar* no nosso espírito as concepções mais mirabolantes

ou produtos e mercadorias:

A sua *produção intelectual* é enorme
Ele *produz* ideias como um vulcão
Ele está sempre a *forjar* novas ideias
Esta ideia não vai ter *venda*
Nós *trocamos* algumas palavras/ideias
Não te dou nem um *tostão furado* pela tua ideia

ou coisificamos, vendo o que não se pode ver mas apenas compreender:

Estou *a ver* o que quer dizer
A minha *perspectiva* sobre o teu projecto é muito optimista
Fizeste uma observação *brilhante*
Ideia muito *obscura*
Ele tem um raciocínio *claro/transparente*.

E o “amor” serve de ponto de partida para todo um leque de metáforas: o amor é um força (*Senti uma atração irresistível por ela*), uma doença (*O amor por ela já é um cadáver, estão fatigados um do outro*), uma loucura (*Ele perdeu a cabeça por ela*), magia (*Ela hipnotizou-o*), uma luta (*Ele é conhecido pelas suas conquistas: é um bendito entre as mulheres*). Ou os olhos são contentores (*Os seus olhos estão cheios de ódio, Vê-se a paixão nos seus olhos*), a vida é um jogo (*Ele é uma carta fora do baralho, Ele arriscou e perdeu, Ele jogou forte e perdeu*)⁵³.

Embora haja, como se torna claro, nestes exemplos, frases feitas, expressões idiomáticas, colocações ou combinações mais ou menos já lexicalizadas, o que temos é uma forma coerente de conceptualização e representação dos dados da experiência: a metaforização⁵⁴. Mas as metáforas são sempre perspetivações parcelares da realidade: ninguém vai dizer que

⁵³ Cfr. LAKOFF; JOHNSON — *Op. cit.*, 1980, pp. 46ss.

⁵⁴ «They are “alive” in the most fundamental sense: they are metaphors we live by.» (*Id.*, *Ibid.*, p. 55).

as “ideias” são “construções” e portanto esperar que tenha divisões, quartos, travejamentos, janelas, etc., ou que o “tempo” é um “caminho sem retrocesso” e vá à procura de “atalhos”, “desvios”, “cruzamentos”, etc.

E se a maior parte das metáforas se enquadram em sistemas, há casos mais ou menos isolados, como *a boca de um incêndio*, *a garganta de um desfiladeiro*, *os braços de uma cadeira*, *os pés de uma mesa*, *as costas de um sofá*, *coisas sem pés nem cabeça*, etc. Destas últimas não se poderá dizer que são sistemáticas. Muitas das “metáforas mortas” situar-se-ão no sector das metáforas já desenquadradas de qualquer sistema.

2.4. **Fundamentação da conceptualização metafórica**

2.4.1. Põe-se o problema de se saber até que ponto a metáfora envolve, total ou parcialmente, a categorização que as línguas fazem da nossa experiência e do modo como é feita essa categorização. Torna-se claro que aqui funciona a nossa própria experiência como seres ocupando um dado espaço, sendo o homem o próprio centro de perspectivação, emergindo da nossa própria vivência, com *dentro-fora*, um *alto-baixo*, um *frente-trás*, um *perto-longe*, e mesmo este espaço é preenchido de acordo com os nossos mitos e crenças, com um *quente-frio*, um *luminoso-sombrio*, um *macho-fêmea*, etc., mesmo aquilo que não se torne tão evidente. Depois é só expandir certas dimensões, como a “felicidade” *está em cima*, a infelicidade *em baixo*, o progresso *vai adiante*, o retrocesso *fica atrás*, colocamos as coisas dentro do “nosso campo visual” (um contentor), mesmo as coisas abstractas têm uma substância, o tempo é um contentor.

As noções abstractas, como a causalidade derivam de uma “manipulação directa” das coisas, o protótipo da causalidade em sentido genérico ou os prolongamentos da causalidade prototípica, e assim sucessivamente. Há assim uma experiência directa de alguma coisa — o que é designado como categorização prototípica e depois vêm os prolongamentos dessa categorização, em termos mais ou menos próximos da centralidade ou da periferia. E a expansão destas categorias pode abranger diversos domínios e diversos objectivos.

2.4.2. Mas em que medida estamos perante a metáfora (em sentido amplo) ou perante a conceptualização literal, perante o protótipo/estereótipo ou “semelhança de família” parece ser um dos pontos menos claros e mais difíceis de destrinçar. E aqui podem funcionar processos de identificação da categoria prototípica e das categorias mais periféricas — as tais

aproximações — relativamente á categorização central⁵⁵, como, por exemplo, os chamados advérbios delimitadores (“hedges”) que servem para seleccionar o protótipo de uma categoria e os exemplares que representam “semelhanças de família” (aproximações). Trata-se de expressões como *por excelência*, expressão directamente ligada ao protótipo: *o pardal é um pássaro por excelência*, o que não se poderá dizer de *frango*, *avestruz*, *pinguim*, etc.

Há expressões que não indicam o exemplar prototípico, mas seguramente apontam para exemplares que pertencem a uma dada categoria, como *estritamente falando*. Assim, *estritamente falando*, *frangos*, *avestruzes*, *pinguins são pássaros*, mas não são membros prototípicos. Ou expressões como *aproximativamente* que apontam para objectos que não pertencem originariamente à categoria por lhes faltar uma propriedade central, mas possuem bastantes propriedades típicas da categoria em questão, para que seja possível, em certos casos, considerá-los como membros da categoria. Assim, *uma baleia, estritamente falando, não é um peixe, mas de uma maneira aproximativa podemos considerar que a baleia é peixe em certos contextos*.

O advérbio *tecnicamente* define uma dada categoria em função de uma necessidade técnica. Isto é, que um objecto seja ou não incluído tecnicamente numa dada categoria depende do objectivo da classificação. Outros advérbios ou expressões adverbiais, como *essencialmente*, *para todos os fins úteis*, *um + nome normal*, *um verdadeiro + nome*, *na medida em que...*, *para certos efeitos*, etc. permitem-nos ordenar objectos, acontecimentos, experiências numa gama de categorizações que vão do membro mais ou menos próximo do protótipo ao membro muito afastado mas enquadrado numa dada categoria para certos objectivos. A tal “transferência de sentido” situar-se-á algures a partir do centro para a periferia ou vice-versa.

3. A metáfora no domínio da “economia”

3.1. A metáfora na linguagem dos “media”

A linguagem dos “meios de comunicação social”, ao retirar o seu vocabulário, a sua gramática e o seu discurso da linguagem normal e quotidiana, faz, desde logo, uma apropriação em certa direcção filtrando

⁵⁵ Cfr. LAKOFF; JOHNSON — *Op. cit.*, 1980, pp. 116 e ss.

os sentidos que pretende dar aos seus enunciados. Aliás esta sensação temo-la ao abrirmos qualquer discurso em que se faz a reportagem jornalística de acontecimentos do nosso dia a dia. Assim, se tomarmos como ponto de referência a viagem do Primeiro Ministro ao Brasil, vemos que a linguagem metafórica surge não como ornamento, mas como conceptualização e “nuancização” configuradoras das experiências pessoais do jornalista:

«Durante uma semana, Guterres desdobrou-se para “vender” a imagem de Portugal» e «a peça mais importante do jogo foi a capacidade de convencimento de Guterres: havia mesmo quem o apontasse como o “melhor produto”»

o que equivale a dizer a política é um “grande mercado”, ou

«a *Operação Brasil* chegou ao fim» e «esta visita assumiu os contornos de uma gigantesca *operação de charme*»,

querendo dizer que a vida política implica uma estratégia (termo inicialmente da linguagem militar), ou ainda

«Guterres *arriscou* todos os registos do discurso político»

a vida política é um risco, ou

«(Guterres) foi afectivo ao recordar os *laços* comuns, a história que se cruza e a língua que une como um *elo* mais forte»

a vida é um espaço/um lugar, ou

«o discurso político foi evidente na vontade de marcar um *novo rumo*»,

a vida é uma viagem, e a objectivização do abstracto como entidade delimitável e manuseável, patente no comentário de um dos acompanhantes de Guterres ao ver os empresários a rir a bom rir

«Com o *capital* tão bem disposto, como estará o *trabalho*?» ou «*Comitiva de peso*: o peso dos empresários na comitiva era considerável. Não só pelo número, mas muito particularmente pelo dinheiro que representavam.»⁵⁶, ou ainda «Foi um “*virar de página*” no relacionamento entre os dois países.»⁵⁷

⁵⁶ Todas estas citações foram tiradas do jornal *Público* (21.4.96).

⁵⁷ *Público*, 22.4.96.

Isto é, a linguagem figurada — neste caso, a linguagem metafórica — é não só frequente mas constitui sobretudo o modo normal de configuração e representação do nosso quotidiano. Não se trata apenas de metáforas lexicalizadas ou metáforas mortas, mas antes de um modo totalmente normal de representação, diria mesmo, um modo privilegiado. Quem se lembra do sentido literal se, numa questão mais ou menos secreta, falarmos de «*levantar o véu*» ou, numa questão melindrosa, como a “derrapagem na economia”, dissermos «*dar o sinal de alarme*», ou, relativamente a um sector de uma empresa, dissermos que é a «*menina dos olhos do patrão*», ou que os assessores de um ministro («*trazem o trabalho de casa feito*»)? Ou se classificarmos uma dada orientação num partido como a «*linha dura*», ou lamentarmos a «*desertificação demográfica (do interior)*», falarmos de «*infraestruturas*», de «*esvaziamento das aldeias*», quem pensa que estamos a construir o nosso discurso configurando as nossas realidades e experiências como se tudo fosse “espaço” e “lugares”, que são afinal o valor literal dessas expressões.

Os jornais e televisões criam novas relações semânticas, como, por exemplo: «*turismo de qualidade*» vs. «*turismo de massas*», ou expandem o fundo comum da língua a domínios que são extensões dos domínios a que foram inicialmente aplicados:

«*Ter luz verde do Governo para ...*»,
«*(Alguém / alguma coisa está no fio da navalha)*»,
«*(Alguém / alguma coisa está enredado numa teia burocrática)*»,
«*(Um trabalho / um programa) é uma manta de retalhos)*»,
«*Guardar a sete chaves (um programa / uma ideia)*»,
«*(A televisão) vai ter um novo figurino)*»,
«*(o Governo mais não faz do que) apagar fogos (nas empresas)*»...

3.2. A metáfora na linguagem da economia

3.2.0. Mas as metáforas — consideramos sempre as metáforas em sentido amplo — constituem, como já explicámos, um sistema estruturado no interior das próprias línguas. Se tomarmos como exemplo, a linguagem da economia, ficaremos surpreendidos não apenas pelo recurso à chamada metáfora, como ainda pela amplitude e sistematicidade assumidas por esse método de construção linguística. Os economistas, além de usarem os ter-

mos já postos a circular noutras áreas⁵⁸, sentem esse peso da criação de sentidos novos numa dada direcção, ao servirem-se de designações como “*mão invisível*”, “*teoria da borboleta*”, “*elasticidade arco*”, “*elasticidade ponto*”, “*tecto salarial*”, «*mão de obra indiferenciada mas hiperbarata*»⁵⁹, etc. O próprio texto da linguagem da economia dá-se conta dos meandros em que se envolvem. Explicam, por exemplo, a “teoria da borboleta” nos seguintes termos:

«Os acontecimentos alimentam-se do *efeito borboleta* (a *imagem* é esta: um simples agitar de asas num ponto do globo pode desencadear uma tempestade noutra) e do princípio de que uma fagulha sem importância pode incendiar uma enorme pradaria...»⁶⁰

E os termos novos abundam: «*ciberfuturo*», «*dinheiro electrónico*», «*nanotecnologia*» (= miniaturização da tecnologia), «*tutores electrónicos*», etc. Há mesmo o apelo para uma expressão tida como veículo de uma “teoria de ponta”: a teoria cognitiva. É assim que se apresenta uma das palavras-chave do nosso tempo:

«O “Livro Branco” ENSINAR É APRENDER: A SOCIEDADE COGNITIVA apresentado este fim de semana em Veneza, pela Comissão Europeia pretende construir os pilares de uma sociedade cognitiva (“learning society”) onde a aprendizagem ao longo da vida activa do trabalhador é factor determinante.»⁶¹

3.2.1. Metáforas ontológicas: abstracto → concreto

Basta lermos a introdução de um “Relatório e Contas” de uma instituição bancária para nos apercebermos de como a linguagem aí usada é toda ela concebida em termos tais que não sabemos se estamos perante “metáforas” ou se é a própria metáfora que configura quase todo o universo deste domínio da experiência.

⁵⁸ Como, por exemplo, «A capacidade de adaptação... poderá ser um dos “trunfos” na conquista de um novo emprego» e «o que importa é não ‘baixar os braços’» (*Expresso/Emprego*, 20.4.96).

⁵⁹ Cfr. PIMENTA, Carlos; SATURNINO, Maria Teresa — *Pensar Economia*, 11.º Ano, Porto, Porto Editora, 1996. Trata-se de termos normais nesta disciplina. A linguagem dos jornais não é idêntica à dos “compêndios”. Uso sobretudo os grandes jornais de informação (diária ou semanal).

⁶⁰ *Expresso/Gestão e Estratégia*, 17.2.96.

⁶¹ Livro Branco Europeu, *Expresso/Economia*, 3.2.96, p. 3.

«A crise financeira mexicana, as repercussões do sismo de Kobe, o colapso do dólar nos mercados cambiais internacionais, a instabilidade política e o espectro de conflitualidade social em áreas da orla mediterrânica europeia e os sinais de abrandamento inesperado da actividade nos países mais desenvolvidos, que dominaram o início de 1995, justificaram a implementação,... de programas de assistência financeira, de intervenção coordenada nos mercados cambiais e monetários, de correcção a longo prazo dos desequilíbrios orçamentais que, pela sua oportunidade e eficácia, proporcionaram a progressiva restauração da confiança dos investidores e da estabilidade dos mercados financeiros, criando condições propiciadoras de uma expansão moderada da actividade produtiva, de forma mais sincronizada e não inflacionária.»⁶²

Ou seja, este domínio da experiência humana surge como algo objectivizado, onde as entidades abstractas são apresentadas como entidades identificadas e identificáveis, concretas:

«a crise (financeira mexicana)», «as repercussões (do sismo de Kobe)», «o colapso do dólar (nos mercados cambiais)», «a instabilidade política e o espectro de conflitualidade social.», etc.

E este processo é totalmente normal, como se vê por exemplos de outros textos:

«O capitalismo industrial não consegue *queimar etapas*»⁶³
«Indústria: *volume de vendas e emprego* em queda»⁶⁴
«... a *aquisição de uma participação* maioritária no Banco Português do Atlântico, permitiu atingir a *dimensão almejada* para reduzir a sua *sensibilidade e vulnerabilidade* aos processos de concentração...»⁶⁵
«*congelar medidas*», «*erosão do emprego*», «*tecido empresarial*», «*meio empresarial*»
«*Garantir uma fasquia mínima de qualidade*»⁶⁶
«... *mão invisível*...», «... *teoria do caos*...»
«a *des-ruralização* do país...»⁶⁷
«... as mulheres são maioritárias na '*função pública*', assim como entre os estudantes do ensino superior»⁶⁸
«*fundos públicos*», «*consumo público*», «*função social do Estado*»⁶⁹

⁶² Uma palavra do presidente, in *Relatório e Contas 1995: Banco Comercial Português*.

⁶³ Ernani Lopes, *Expresso/Economia* 3.2.96.

⁶⁴ *Expresso/Economia* 3.2.96.

⁶⁵ *Expresso/Economia* 3.2.96.

⁶⁶ *Público/Economia* 25.3.96.

⁶⁷ BARRETO, António; PRETO, Clara Valadas — *Portugal 1960/1995: Indicadores Sociais*, «Cadernos do Público», 1996, p. 25.

⁶⁸ *Id.*, *Ibid.*, p. 26

⁶⁹ BARRETO; VALADA, *Ibid.*, p. 60.

«*mundo do trabalho*», «*recibo verde*» (= trabalhadores contratados)⁷⁰
«O Governo estabelece como objectivo principal desagravar os rendimentos do trabalho e despenalizar o capital investido»⁷¹
«*pacote de medidas*», «*programa-quadro*», «o poder de compra recupera»
«foi uma gracinha do ministro» «o programa inclui vários tópicos».

Há uma objectivização (ou ontologicização) apelando-se para lugares (*fundos, tópicos, quadro, volume, congelar*), ou para objectos visíveis e mensuráveis (*fasquia, pacote, recibo, mão, tecido, erosão, etapa*, etc.). Veja-se o caso da utilização tão diferenciada de “público”: *função pública* (= classe profissional), *consumo público, fundos públicos* (= dinheiros públicos), ou ainda *função social* (do Estado); ou ainda *o mundo do trabalho* (= classe profissional), *os rendimentos do trabalho* ou os diversos usos de *capital*, mas sempre objectivizadamente. Atente-se ainda na transferência do valor de “capital” do domínio da economia para outros domínios:

«... os portugueses continuam a emprestar ao primeiro-ministro e ao PS um *elevado capital de confiança*»⁷².

Não estou a fazer a distinção entre metáfora e metonímia, como é evidente em «os recibos verdes» (trabalhadores por conta d’outrem), «função pública», «o capital», «o mundo do trabalho», etc., que são exemplos de metonímias. Por vezes temos dúvidas acerca da interpretação da orientação “concreto” — “abstracto” ou vice-versa, como em:

«os portugueses valorizam o carisma de Guterres e a sua postura dialogante. O “estado de graça” parece assim prolongar-se»⁷³

«Jorge Coelho é um ministro *todo-o-terreno*»⁷⁴

«em Guterres a *palavra-chave* “diálogo” continua a ter sentido...» e «as *grandes linhas* da política externa» e «o ministro... *marcou pontos* ao correr o risco de escolher uma personalidade independente...»⁷⁵

Isto é, “linha”, “risco”, “ponto”, “palavra-chave” ou “chave” são concretos e tornam-se abstractos, mas um abstracto objectivizado, identificado e identificável. Mas “estado de graça”, “clima de confiança” (que também

⁷⁰ BARRETO; VALADA — *Ibid*, p. 61.

⁷¹ *Expresso/Economia*, 3.2.96.

⁷² *Público*, 28.4.96.

⁷³ *Público*, 28.4.96.

⁷⁴ *Público*, 28.4.96.

⁷⁵ *Público*, 28.4.96.

ocorre neste contexto), mostram como a interrogação se mantém. E aqui há que verificar se estamos a contas com “mitos”, crenças ou configurações experienciais.

3.2.2. Metáforas estruturais: a economia é a guerra mais ou menos aberta

Uma das forças motrizes da vida é a “luta pela vida/ pelo pão de cada dia”, o que equivale a dizer que “este vale de lágrimas” se cumpre na procura incessante da segurança em todos os domínios. E a economia é mesmo o domínio onde essa luta se acentua. E como não podia deixar de ser a linguagem não só reflecte como sobretudo conceptualiza — categoriza — essa conflitualidade.

Assim, as moedas nacionais ganham e perdem, recuperam e caem:

«O escudo ganha contra o marco»⁷⁶

«Durante a última semana, o dólar recuperou algum terreno contra o marco»⁷⁷.

E os termos próprios de um conflito entram em jogo, como as próprias palavras “conflito” e “guerra”:

«A União Europeia lança um projecto dirigido às PME que querem *ganhar a “guerra” da Qualidade*»⁷⁸ e «*conflito de interesses*»

e em que entram “lutas”, “invasões”, “intervenções”, “combates”, “desafios”, “tareias”, “caças”, “bombas”, “minagens”, “pactos”, “pirataria”, “tirar a ferros” e, finalmente, “campos de batalha” e “disparos”:

«*luta contra o desemprego*», «*intervenção no mercado*» e

«*combate ao desemprego*»⁷⁹

«Nos supermercados, os consumidores têm a sensação de que a *invasão* dos produtos estrangeiros está a afastar os nacionais...»⁸⁰

«Um dos *campos de batalha* (do governo) é o das privatizações...»⁸¹

⁷⁶ *Expresso/Economia*, 3.2.96.

⁷⁷ *Público/Economia*, 25.3.96.

⁷⁸ *Expresso/Economia*, 3.2.96.

⁷⁹ *Público/Economia*, 5.2.96 e 12.2.96.

⁸⁰ *Público/Economia*, 26.2.96

⁸¹ *Público/Economia*, 15.4.96

«No outro lado do ciberespaço espreitará sempre o crime, e a geografia dos conflitos pode vir a listar mais um, de novo tipo, a guerra em torno da pirataria da propriedade intelectual. Novas fracturas sociais podem emergir, que pouco terão a ver com as dos últimos cem anos.»⁸²

«... enfrentar uma crise...», «responder aos desafios do mercado com a simplificação»

«caça aos cérebros jovens», «(Vamos) enfrentar uma crise» «Emprego: Santer propõe um pacto», «o desemprego põe em perigo a coesão da nossa sociedade e mina a confiança nos políticos»⁸³

«poupanças tiradas a ferros aos aforradores»⁸⁴

«Os investidores estão a apanhar tareias»⁸⁵

«Corrupção mina jovens democracias latino-americanas»⁸⁶ e

«O Público ousou meter-se no terreno altamente minado dos custos da regionalização.»⁸⁷

«Segurança social: bomba ao retardador»⁸⁸

«A revolução das regiões» (regionalização) e

«Pelo lado negro, (a questão das vacas loucas) pode ser uma das maiores revoluções alimentares na história da humanidade»⁸⁹

«Em Portugal, a inflação pode disparar, devido ao aumento do preço de outra carnes»⁹⁰

«Do lado do Governo, para já, é dada uma maior atenção às investidas dos sociais-democratas»⁹¹

«Mas espera-se pelo desfecho do braço-de-ferro em volta do referendo à regionalização»⁹².

3.2.3. A Economia é uma viagem e uma viagem acidentada

A “economia” é uma viagem sinuosa, acidentada, uma viagem com “choques”, que podem ser “amortecidos”, com “abrandamentos”, com “sinais vermelhos”, com “acelerações” e “desacelerações”, com “trava-gens”, com “passos mal dados”, com “turbulências” e “derrapagens”, com

⁸² *Expresso/Gestão e Estratégia*, 17.2.96.

⁸³ *Expresso/Economia*, 3. 2. 96.

⁸⁴ *Público/Economia*, 15. 4. 96.

⁸⁵ *Expresso/Economia*, 16. 3. 96.

⁸⁶ *Público/Economia*, 5. 2. 96.

⁸⁷ *Público/Economia*, 29.4.96.

⁸⁸ *Público/Economia*, 1.4.96.

⁸⁹ *Público*, 26.4.96.

⁹⁰ *Público*, 26.4.96.

⁹¹ *Público*, 28.4.96.

⁹² *Público*, 28.4.96.

“arrefecimentos” e “pontos quentes”, com “metas” e “etapas”, “colagens” e “redescolagens”, com “caminhos maus”:

«Os “*choques*” financeiros do final de 1994 e de 1995 foram “*amortecidos*” apesar de terem sido dos mais dramáticos desde a crise da dívida do Terceiro Mundo, em 1982»⁹³

«*Abrandamento* da economia europeia»

«Os resultados estão quase a *entrar no vermelho*»⁹⁴

«Preços de produção *desaceleram...*» e «Negócios *abrandam* na indústria»⁹⁵

«a *desaceleração* da inflação» e «a *desaceleração* dos preços»⁹⁶

«Há uma *desaceleração* económica acentuada na Europa»

«Vai haver *turbulência* na vida económica mundial»

«A *travagem* na desvalorização do escudo»

«... ‘*um passo mal dado*’ poderá ter consequências menos positivas para a empresa»⁹⁷

«*derrapagem* económica e financeira»

«Entre 1974 e 1976, (a população) aumentou fortemente, por causa do regresso dos residentes em África e da *travagem* da emigração.»⁹⁸

«Novos exportadores atenuam *desaceleração*» e «*Abrandamento* da procura *arrefece* a actividade (Vestuário)»⁹⁹

«cumprimento das *metas* de convergência (económica e monetária)»¹⁰⁰

«A economia francesa está num processo de *redescolagem* suave.»¹⁰¹

«Baixa (do Porto) no *mau caminho*»¹⁰².

Afinal, a categorização dos nossos universos em termos de “viagem” é constante. Por exemplo, a “recuperação” do “coma” é tido como um regresso:

«As surpresas do coma. O regresso do lado de lá»¹⁰³.

⁹³ *Expresso/Economia*, 3.2.96.

⁹⁴ *Público/Economia*, 12.2.96 e 4.3.96.

⁹⁵ *Público/Economia*, 8.4.96.

⁹⁶ *Público/Economia*, 26.2.96 e *Público*, 19.2.96.

⁹⁷ *Expresso/Rmprego*, 20.4.96

⁹⁸ BARRETO, António; PRETO, Clara Valadas — *Portugal 1960/1995: Indicadores Sociais*, «Cadernos do Público», 1996, p. 23.

⁹⁹ *Expresso/Economia*, 9. 3. 96.

¹⁰⁰ *Público/Economia*, 24. 04. 96.

¹⁰¹ *Público/Economia*, 25.4.96.

¹⁰² *Público*, 28.4.96.

¹⁰³ *Público*, 28.4.96. Aqui surge mesmo uma expansão deste modo da conceptualização:

«Alguns ficam a *meio da viagem*, sem mapa, nem rotas, nem técnicas de navegação, o caminho de volta ao mundo dos vivos pode nunca voltar a ser trilhado» (Ibid.).

3.2.4. A Economia é um Organismo

A “economia” é um “organismo” que tem um determinado “comportamento”:

«*comportamento temporal* das taxas de juro “yield curve”»¹⁰⁴

«O *comportamento* muito *instável* da moeda norte americana»¹⁰⁵

que “aquece” ou “arrefece”.

«A educação e o entretenimento poderão ser os dois sectores mais “quentes” em termos de negócios.»¹⁰⁶

“respira”, “sufoca”, “abranda” e “estagna”:

«O *último fôlego* da economia» «O terceiro *fôlego* do BCI»

«Os custos começam a *sufocar* a instituição»

«... o *abrandamento* do ritmo de *crescimento* do crédito às empresas com a finalidade de investimento...», «o mercado *estagnou*»¹⁰⁷

«Mercado nas obras públicas *arrefece*. O mercado nas obras públicas continua a *evoluir positivamente* embora a níveis menores que os registados no segundo semestre de 1995.»¹⁰⁸

que “cresce”, “engorda”, que tem “embrião” e “desperta”:

«*crescimento incontrolado* da economia»

«BPC (= Bento Pedroso Construções) *engordam*’ facturação»

«O *despertar* da Internet»¹⁰⁹

«O *embrião* do programa de saneamento das empresas já está elaborado»¹¹⁰

«O Bundesbank apelou ontem aos Governos europeus para reduzirem as “*gorduras*” nas finanças públicas...»¹¹¹

que necessita de “hormonas” e pode ser “estrangulado”:

«*administração de hormonas* fiscais»¹¹²

«*estrangulamentos financeiros* podem deitar por terra anos e anos de dedicação dos investidores»¹¹³

¹⁰⁴ *Expresso/Economia*, 3.2.96, p. 9.

¹⁰⁵ *Público/Economia*, 8.4.96.

¹⁰⁶ *Expresso/Gestão e Estratégia*, 17.2.96.

¹⁰⁷ *Público/Economia*, 4.3.96.

¹⁰⁸ *Expresso/Privado*, 30.3.96.

¹⁰⁹ *Expresso/Privado*, 20.4.86.

¹¹⁰ *Público/Economia*, 22.4.96.

¹¹¹ *Público/Economia*, 25.4.96.

¹¹² *Público/Economia*, 15.4.96.

¹¹³ *Público*, 24.4.96.

3.2.5. A Economia é um espaço

A “economia” é um “espaço” (um “contentor”), com “margens”, “patamares”, com “estradas” e caminhos “paralelos” ou “subterrâneos”, com “cenários” e com “fundos”:

«As margens de lucro...» « A margens de comercialização»

«As margens intermédias de flutuação, a acordar entre o Banco Central Europeu e os Estados membros, podem não ser divulgadas.»¹¹⁴

«As estradas da informação»

«... para que a moeda portuguesa se sustente no *patamar* das moedas internacionais, o Banco de Portugal...»¹¹⁵

«economia paralela», «economia subterrânea» « economia à *margem dos circuitos* comerciais»¹¹⁶

«Três *cenários* para uma decisão (acerca do futuro do Alqueva)»¹¹⁷

«O investimento global,... é financiado pelo Estado. O restante... vem de *fundos* comunitários e de *outras fontes*...»¹¹⁸

Esse “espaço” “desertifica-se”, tem um “centro” e uma “periferia”, um “dentro” e um “fora”:

«desertificação do mercado de acções português»

«descentralizar» «o programa inclui vários *tópicos*»

«Estudo do Deutsche Bank *coloca países do Sul fora da* União Económica e Monetária»¹¹⁹ «economia *aberta*» e «economia *fechada*».

Nele “coabitam” entidades:

«Coabitação monetária depois de 1999»¹²⁰.

3.2.6. A Economia é uma doença

A “economia” é apresentada como susceptível de ser “contaminada”, ter “estados patológicos”, com “agravamentos” e “melhorias”, com “curas de emagrecimento”, com “dores” e “crises”, com “loucuras”, com “gor-

¹¹⁴ *Expresso/Economia*, 20.4.96.

¹¹⁵ *Público/Economia*, 8.4.96.

¹¹⁶ *Público/Economia*, 15.4.96.

¹¹⁷ *Expresso/Privado*, 20.4.96.

¹¹⁸ *Expresso/Economia*, 3.2.96.

¹¹⁹ *Público/Economia*, 24.4.96.

¹²⁰ *Expresso/Economia*, 20.4.96. E esse “espaço” pode resumir-se a espaços menores, como “cabaz de compras”: «cabaz de compras composto por bens e serviços sociais» (LOPES, J. Silva — *Políticas Económicas*, «Cadernos de O Público», 1996).

duras” excessivas, com necessidade de injeções de “adrenalina”, de “reabilitação”, etc.:

«... *contaminação da economia.*» e «*economia contaminada*»¹²¹

«O ciberentretinimento poderá criar um *estado patológico* de vida em permanente *ficção*»¹²²

«Vacas poderão *“enlouquecer” a inflação*»¹²³

«Ligeira *melhoria* do investimento das empresas públicas»

«O *agravamento* da inflação nos anos posteriores a 1973...»¹²⁴

«É agora a vez do Estado e dos alemães terem, com as devidas adaptações, a sua *cura de emagrecimento...* ou seja, de *apertarem o cinto.*»¹²⁵

«A saúde privada em Portugal é uma verdadeira *dor de cabeça*»¹²⁶

«*crise económica*»

«a difícil *reabilitação do bife*»¹²⁷

«dar à inflação um *tratamento de choque*» e «*surto inflacionário*»

«Um oásis chamado BCP. Não fosse a “*adrenalina*” de Jardim Gonçalves e o mercado *morria de tédio*»¹²⁸.

3.2.7. A Economia é uma corrida

A “economia” surge ainda como uma “corrida”, com “pelotões da frente”, com “paragens” e “avanços”, com “paragens mal medidas”, com “metas”, com “incurções”, etc.

«Cinco países no *pelotão da frente*»¹²⁹

«O Executivo socialista não herdou só uma tendência desinflationista que coloca Portugal no *pelotão da frente da UE...*»¹³⁰

«O escudo *ganhou terreno* contra o marco e contra o o franco francês, estabilizando face à peseta e à lira e *perdendo* contras o dólar e contra a libra»¹³¹

«... muitos países viveram em “*stop and go*”, com fortes expansões seguidas de significativas *contrações* orçamentais.»¹³²

¹²¹ *Público/Economia*, 8.4.96.

¹²² *Expresso/Gestão e Estratégia*, 17.2.96.

¹²³ *Público*, 26.4.96.

¹²⁴ LOPES, J. Silva — *Op. cit.*, *Ibid.*

¹²⁵ *Expresso/Economia*, 20.4.96.

¹²⁶ *Expresso/Economia*, 1.4.96.

¹²⁷ *Público*, 24.04.96.

¹²⁸ *Expresso/Privado*, 27.4.96.

¹²⁹ *Expresso/Privado*, 30.3.96.

¹³⁰ *Público/Economia*, 4.3.96.

¹³¹ *Público/Economia*, 25.3.96.

¹³² *Expresso/Economia*, 3.2.96.

«crédito *malparado*»¹³³

«cumprimento das *metas* de convergência»¹³⁴

«... *fazer incursões* noutras áreas para além da economia»¹³⁵

«*inflação galopante*».

3.2.8. A Economia é um corpo

A “economia” pressupõe “ampliações” e “reduções”, “quadros” e “enquadramentos”, “cortes”, “pirâmides”, “arrefecimentos” e “aquecimentos”, o que aponta para a “encorpação” dos factores económicos:

«O Governo vai *reduzir* as taxas do IVA para alguns produtos alimentares. Nos restaurantes propõe-se “*reenquadrar*” a tributação, o que pode corresponder à criação de uma nova taxa que fique entre a normal e a reduzida»

«A redução duradoura dos desequilíbrios orçamentais exige *cortes* nos programas sociais e no emprego público»

«Os dois economistas verificaram que os países que conseguiram reduzir o défice público com sucesso *cortaram nas despesas* em transferências e nos salários da função pública»¹³⁶

«... pirâmide *etária/salarial/de preços*...»

«Os mercados estão *em arrefecimento/em aquecimento*...»

«*dinheiro fresco*», «*branqueamento* de dinheiro».

3.2.9. A Economia é uma máquina e uma construção

A “economia” tem “motores”, “máquinas” (que funcionam ou não), “forjas”, pressupõe “modelos”, etc.

«O *motor* da Europa (Alemanha) *desacelera*»¹³⁷

«A Alemanha *motor* da moeda única»¹³⁸

«Projectos por aprovar (nas pescas) há um ano e incapacidade do secretário de estado..., *em pôr a máquina a funcionar* são. algumas das razões para *uma crise difícil de sanar*»¹³⁹

«... toda a *lógica da construção europeia estava assente* num modelo de relações internacionais que desapareceu subitamente...»¹⁴⁰

«... *está na forja* mais um pacote de apoios às empresas em dificuldade»¹⁴¹.

¹³³ *Expresso/Economia*, 20.4.96.

¹³⁴ *Público/Economia*, 24.4.96.

¹³⁵ *Público/Economia*, 25.3.96.

¹³⁶ *Expresso/Economia*, 3.2.96.

¹³⁷ *Público*, 19.2.96.

¹³⁸ *Expresso/Economia*, 16.3.96.

¹³⁹ *Público/Economia*, 26.4.96.

¹⁴⁰ *Expresso/Economia*, 3.2.96.

¹⁴¹ *Público/Economia*, 22.4.96.

Além disso, a “economia” tem “mecanismos” que funcionam ou não funcionam:

«(este governo) quer pôr a funcionar os mecanismos da economia»
«... pôr a funcionar os mecanismos do controle de apagamento de impostos»¹⁴².

A “economia” é ainda um “jogo”, que inclui “apostas”, “peças de puzzle”, “cartas”, etc.

«Macau deve apostar tudo na sua posição»
«O “milagre” resume-se, no fundo, à forma suave como os Quinze foram juntando as peças de “puzzle”» (*Expresso/Economia*, 20.4.96)
«Macau se tem cartas a jogar, deve jogá-las»¹⁴³.

As chamadas metáforas “orientacionais” marcam toda a linguagem da “economia”, partindo sobretudo da ideia de “em cima” está o progresso, o bem, o que é melhor, o poder, o bem-estar, e, “em baixo” está precisamente o inverso:

«*Informação em alta*»
«*Crescimento revisto em baixa acentuada*»¹⁴⁴
«*Juros continuam a cair*»¹⁴⁵
«*Investimento em queda*»
«*Os cargos do topo*»¹⁴⁶
«*na crista da onda*»
«*máquinas de topo de gama*»
etc.

3.2.10. Inflação

A “inflação” desempenha aqui um papel fundamental. A “inflação” sobe, desce, agrava-se, piora, melhora, estagna, abranda, acelera e desacelera, “dispara”, “enlouquece”, etc. Por outro lado, as palavras derivadas de “inflação” — as possíveis derivações — são activadas, com *desinflação* e *desinflacionar*, *deflação*, *inflacionista*, etc.:

«O processo de *desinflação* tem sido suportado por uma *melhoria* de produtividade»¹⁴⁷

¹⁴² “Noticiários” das Rádios (30.4.96).

¹⁴³ *Expresso/Economia*, 20.4.96.

¹⁴⁴ *Expresso/Economia*, 20.4.96.

¹⁴⁵ *Público/Economia*, 5.2.96.

¹⁴⁶ *Público/Economia*, 12.2.96 e 26.2.96.

¹⁴⁷ *Público*, 19.2.96.

«A *desinflação* em Portugal está a superar todas as expectativas mais optimistas»

«A *descida* da inflação», «A *desaceleração* da inflação», «*inflação galopante*»
«tendência *desinflacionista*»¹⁴⁸

«O *agravamento* da inflação nos anos posteriores a 1973»¹⁴⁹

«*trajectória francamente favorável* da economia portuguesa...»¹⁵⁰

«Gaba-se o Governo da *baixa continuada da inflação*. Mas será que o Governo socialista, ... pretende ignorar que o preço da *deflação* é a subida do desemprego e a estagnação do consumo das famílias, em suma, do arrastamento da crise económica e social»¹⁵¹

«A queda simultânea dos preços de matérias primas e do dólar e o abrandamento da procura interna, criaram um ambiente de geral *desinflação* em toda a União Europeia»¹⁵²

«Em Portugal, a *inflação pode disparar*, devido ao aumento do preço das outras carnes»¹⁵³

«Vacas poderão “*enlouquecer*” a *inflação*»¹⁵⁴

«*espiral inflacionista*»¹⁵⁵

«Começa a ganhar algum peso a ideia de que a inflação teria deixado de ser um problema, de que a *inflação morreu*»¹⁵⁶.

Chamei já a atenção para o facto de poder haver um sub-sistema metafórico que se situe fora da sistematização geral. Dissemos que “para cima”, “em cima”, estava o “bem”, o “crescimento”, e vice-versa. E aqui verificam-se amplificações ao contrário: a “inflação” cresce” e é um “mal”.

3.2.11. Outros usos metafóricos

Se muitas das expressões que antes apresentámos são comuns à linguagem da “economia” e a outras linguagens técnicas ou não técnicas, há ainda todo um estendal não pequeno de expressões e construções que são comuns á linguagem quotidiana, mas que arrastam categorizações mais ou menos próprias ao serem usadas na linguagem da economia, tais como:

«*balança* de pagamentos», «*balança* comercial», etc.

«*batalha* da alfabetização», «*batalha* da modernização», «*batalha* da harmonização social»

¹⁴⁸ *Público/Economia*, 26.2.96 e 4.3.96.

¹⁴⁹ LOPES, J. da Silva — *Políticas Económicas*, «Cadernos de O Público», 1960-1995.

¹⁵⁰ *Público/Economia*, 15.4.96.

¹⁵¹ *Diário de Notícias*, 19.2.96.

¹⁵² *Expresso/Economia*, 9.3.96.

¹⁵³ *Público*, 26.4.96.

¹⁵⁴ *Público*, 26.4.96.

¹⁵⁵ *Expresso/Economia*, 27.4.96.

¹⁵⁶ *Expresso/Economia*, 27.4.96.

«*década de ouro* de crescimento económico)
«*abrir o caminho* à democracia», «*abrir o caminho* à corrupção e à economia paralela»
«*choques* do petróleo»
«*a prata da casa*», «*tecido* económico», «*tecido* empresarial»
«para contrair crédito é preciso *pagar couro e cabelo*»¹⁵⁷
«*estancamento da emigração* para o estrangeiro» e «*regresso maciço* de África.»¹⁵⁸
«Hospitais particulares *em maus lençóis*»¹⁵⁹
«*guerra suja* contra ETA»¹⁶⁰ e «*guerra limpa*», «*jogo sujo*» e «*jogo limpo*»
«*questão de fundo*»¹⁶¹
«*ramo de indústria*».

3.3. A linguagem da “*economia*” e a língua “*comum*”

Seria agora interessante analisar os “focos” da linguagem metafórica no domínio da economia e os seus enquadramentos fráscicos e contextuais (= frames), acompanhar os sentidos ou significações que as expressões foram arquivando ao longo da sua vida na língua portuguesa. Ver, por exemplo, a longa história da palavra inflação, desde a *inflationem* latina até à inflação actual ou os seus derivados como *deflação*, *desinflação*, etc., ou *abrandamento*, *arrefecimento*, *derrapagem*, *travagem*, *agravamento*, *gordura*, *emagrecimento*, etc.

Teria todo o interesse analisar semasiologicamente a distribuição actual dos sentidos das expressões, atingir o sentido verdadeiro (etimológico) dessas expressões, tendo em vista verificar se continuariam a ser esses sentidos os valores sémicos prototípicos e daí partir para a chamada polissemia, ou “espectro” das acepções actuais das palavras e respectivas construções. Mas o estudo já vai longo e esse aspecto poderá ficar para outra análise posterior.

¹⁵⁷ *Público/Economia*, 8.4.96.

¹⁵⁸ BARRETO, António; PRETO, Clara Valadas — *Portugal 1960/1995: Indicadores Sociais*, «Cadernos do Público», 1996, p. 22. Esta publicação contém exemplos abundantes da categorização metafórica na linguagem que podemos designar como “leitura sociológica da sociedade portuguesa”.

¹⁵⁹ *Expresso/Economia*, 1.4.96.

¹⁶⁰ *Público*, 26.4.96.

¹⁶¹ *Público*, 26.4.96 («... Jorge Sampaio... voltou ao tema para pedir que o debate se centre na “*questão de fundo*”: as vantagens ou não da “*reforma administrativa*»).

4. Conclusão

4.1. Embora possamos discordar da “materialidade” subjacente à teoria de G. Lakoff e M. Johnson e do “subjectivismo” mascarado de “objetivismo” da sua interpretação da metáfora como “instauradora” da linguagem e da acção dos “humanos”, somos forçados a aceitar muito da sua “verdade”: tanto a língua comum como as línguas de especialidade “navegam” nas “mutações”, nas “alusões”, nas “ausências” presentes no eixo sintagmático. No estudo feito sobre “a metáfora” na economia podemos comprovar que os esquemas ou experiências mentais apresentados por Lakoff se adequam à explicação de certos aspectos desse ramo da nossa vida quotidiana.

4.2. Não é nova a afirmação sobre a importância da metáfora, e no sentido indicado por Lakoff, nem a sua centralização no discurso, nem a proposta de corporização dos principais caminhos que levam à explicação da linguagem e da acção: a nova crítica norte-americana elaborou esses mesmos princípios como elementos primários das suas reflexões. Nem mesmo a importância dada à metáfora como mobilizadora da acção é algo novo: sempre me soou aos ouvidos que “são as grandes ideias quem governa o mundo”¹⁶².

4.3. A própria explicação aristotélica da metáfora aponta para o facto de a capacidade de elaboração de boas metáforas residir na capacidade de elaboração de boas semelhanças, colocando à “frente dos olhos” o sentido por elas desenvolvido: ao fim e ao cabo trata-se da função pictórica da linguagem. Quando a retórica tradicional fala, a propósito de metáfora e de outros tropos, de “figura de linguagem”, quer dizer que o discurso assume o formato de um “corpo”, com formas e traços humanos (= a *figura* ou face do homem), com uma “corporização” humanizada. É a valorização da linguagem por ela mesma — a função poética de Jakobson — ou a visualização legível do discurso. Se sintagmaticamente há um “desvio” é a desinteriorização da linguagem. E o “desvio” não é uma sim-

¹⁶² Para uma explicação mais pormenorizada de alguns pontos cfr. SACKS, Sheldon (edit.) — *On metaphor*, Chicago/Illinois; Univ. of Chicago Press, 1978/79. Há uma tradução portuguesa: *Da Metáfora*, trad. por Leila Cristina M. Darin et Al., São Paulo: EDUC/Pontes, 1992. Contém “comunicações” de Ted Cohen, Paul de Man, Donald Davidson, Wayne C. Booth, Karsten Harries, David Tracy, Richard Shiff, Paul Ricoeur, entre outros.

ples denominação — quando muito esse papel será apenas o da metonímia —, uma vez que o desvio na metáfora é atribuir a uma coisa uma palavra ou expressão emprestada em vez da usual. E a metáfora não é uma “simples substituição”, pois o fio condutor da metáfora é a frase (= frame), ou mesmo o discurso. A substituição de uma palavra por outra deixa-nos na metonímia, a metáfora situa-se na interacção entre um sujeito e um predicado: a metáfora actua na própria estrutura predicativa. Não se dá uma alteração de denominação, mas sim a alteração de predicação, na pertinência semântica da predicação. A metáfora surge precisamente não apenas de um “choque” semântico, mas antes de um significado novo surgido do “colapso” do significado literal. Essa interacção entre “teor” e “veículo”, entre dois campos, opera a transição da incongruência literal para a congruência metafórica. A *epiphora* da metáfora aristotélica (= transferência do significado) consiste precisamente na aproximação lógica do que antes era afastado.

4.4. Como se pode facilmente observar, há uma clara distinção entre a metáfora poética e metáfora da língua comum. Existe agora uma deslocação do campo de explicação da metáfora: a metáfora deixou de se situar (ou de se situar exclusivamente) na “emoção” e passou a ser vista na sua condição cognitiva. Nós fazemos da nossa capacidade de compreensão a “medida” da realidade. O “nosso” mundo não compreende a totalidade do mundo, mas o “mundo” que pintamos com a linguagem e a metáfora mostra a tendência do homem em projectar-se nas coisas em vez de as representar ou descrever. E aqui se insere a explicação cognitiva da metáfora: explicação ligada ao passado e ainda explicação inovadora em relação à tradição.

Mário Vilela